**ANÁLISE DE EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS NO TRATAMENTO FISIOTERÁPICO DA FEBRE CHIKUNGUNYA: UMA REVISÃO DE LITERATURA.**

Isabela Pantoja Cruz¹, Keren Ariane Pinheiro da Silva Carvalho¹, Marcella Veronnica Pereira Gomes¹ ², Thayná Moraes Ferrreira¹, Mellina Monteiro Jacob³

¹Estudante de Fisioterapia, UFPA, Belém, PA, Brasil

² E-mail: marcellavpg@yahoo.com.br

³ Profª Drª Mellina Monteiro Jacob, UFPA, Belém, PA, Brasil

**Introdução:** A febre chikungunya é uma arbovirose transmitida pelo mosquito do gênero Aedes, o qual é um arbovírus pertencente ao gênero Alphavírus da família Togaviridade(1). Embora o vírus não seja um patógeno recente entre os circulantes nas regiões tropicais, tendo seu primeiro registro em 1952 na Tanzânia no Continente Africano, o seu aparecimento no cenário global como uma doença infecciosa reemergente ocasionou um importante desafio para a saúde pública. A arbovirose, causada pela febre chikungunya, foi foco de uma grande epidemia que ocasionou 1,4 a 6,5 milhões de casos distribuído em 40 países. Durante os anos 2000, o vírus teve uma expansão territorial, gerando grandes surtos na África, pelo Oceano Índico, Ásia e se expandindo pela Europa. Em outubro de 2013, o vírus chegou às Américas pelo Caribe, resultando em um aumento de infecções. No Brasil, a transmissão foi detectada em 2014, e desde então houve uma expressiva expansão, de modo que, segundo o Boletim da 13ª semana epidemiológica do Ministério da Saúde, foram notificados 39.017 casos prováveis de febre de chikungunya no país. Por apresentar um quadro clínico variável, caracterizado pela existência de duas fases: aguda e crônica, a fisiopatologia e, consequentemente, o tratamento da doença é pouco compreendido e não dispõe de terapias específicas ou preventivas. De maneira que a doença se tornou uma problemática de saúde nos países onde a epidemia ocorre, visto que metade dos casos progride para artrite crônica, persistente e debilitante, distanciando os indivíduos de suas atividades cotidianas. **Objetivo:** analisar o impacto das evidências científicas no tratamento da febre Chikungunya, assim como os dados e estudos relacionados à atuação fisioterápica no atendimento para pacientes com as sequelas da doença. **Métodos:** A busca de dados foi feito a partir de uma revisão de evidências empíricas publicados na base de dados PubMed, LILACS e Scielo esse levantamento foi realizado no período de Julho e Agosto de 2018 no qual os critérios de inclusão utilizados foram os artigos de Ensaios Clínicos randomizados, coortes, revisões sistemáticas e artigos com publicação em inglês, português e espanhol; sendo excluídos da análise os Relatos de casos, revisões de literaturas, revisões narrativa e artigos com temas irrelevantes para temática estudada. **Resultados:**Para obtenção dos resultados, após a pesquisa com base nas palavras-chave estabelecidas no protocolo de pesquisa, foram encontrados 33 artigos na plataforma PubMed, 2 no Scielo e 35 na LILACS , no qual foram selecionados em obediência aos critérios de inclusão e exclusão 14 artigos na plataforma PubMed, 1 no Scielo e 8 na Bireme que referiram o tema proposto, restando 23 estudos na presente revisão.**Discussão:** Os arbovírus causam um crescente aumento de problemas na saúde pública mundial, devido ao seu potencial de propagação, adaptação à novos hospedeiros e ao meio ambiente causando epidemias e complicações crônicas decorrente da diversidade clínica das doenças. O vírus chikungunya, um alfavírus pertencente à família Togaviridae, transmitido por meio da picada da fêmea infectada do mosquito Aedes, causa um quadro patológico dividido em duas fases: aguda e tardia, em que os pacientes sintomáticos geralmente relatam um início abrupto da doença caracterizada por febre alta, poliartralgia, dores nas costas, dor de cabeça e fadiga e, no decorrer da evolução da doença, uma fase crônica associada a complicações graves como artralgia e dores musculoesqueléticas com duração mais frequente e longa. A fisiopatologia da chikungunya mostra que a dor apresenta uma origem mista, com envolvimento de mecanismos nociceptivos e neuropáticos. De modo que a necessidade de tratamentos específicos que atuem nessas manifestações clínicas são essenciais para combater as complicações do avanço da doença, visto que a poliartralgia pode ser incapacitante, afastando os indivíduos das suas atividades de vida diária. Todavia, a elevação de diagnósticos de chikungunya não foi proporcional ao aumento de recomendações singulares para o seu tratamento, como terapias não medicamentosas por meio da fisioterapia. Em virtude dessa ausência de metodologia especializada, as ações terapêuticas atuais apresentam como objetivo alívio das dores, dos edemas e da imobilidade com o intuito de diminuir o uso excessivo de anti-inflamatórios utilizados na fase tardia da febre chikungunya. Nos estudos selecionados para esta revisão se observa uma escassez nas evidências do tratamento fisioterápico com direcionamento correto para as sequelas a longo prazo da febre chikungunya; de maneira que o direcionamento impróprio pode acarretar em um manejo inadequado desse paciente, podendo, então, ocasionar uma ineficiência do tratamento. **Considerações Finais:** Apesar do aumento de diagnósticos de chikungunya a nível global, não há recomendações específicas para o seu tratamento. Sendo que o objetivo principal das terapêuticas não medicamentosas aplicadas seja relacionado a minimização dos sintomas, atuando como medidas paliativas nas várias fases da doença. Os dados atualmente disponíveis excluem conclusões favoráveis ou contrárias a terapias particulares da doença, de modo que diferentes esquemas terapêuticos estão disponíveis para a intervenção no quadro álgico a ela associado. Tratando, desse modo, a evolução da sintomatologia dos pacientes e promovendo a melhora na qualidade de vida. **Palavras Chave:** Febre Chikungunya , Artralgia; Tratamento.

**Referências:**

CASTRO, A.P.C.R.; LIMA,R.A.; NASCIMENTO,J.S. **Chikungunya: a visão do clínico de dor**. Rev. Dor, São Paulo, v.17, p. 299-302, 2016.

SALES,A.P.C.R.; BARBOSA, I.C.P.; NETA, L.M.S.L.; MELO, P.C.; LEITAO,R.A.; MELO,H.M.A. **Tratamento de artrite crônica chikungunya: uma revisão sistemática**. Rev. da Associação Médica Brasileira, São Paulo, v.64, pg.63-70,2018.

BURT, F.; CHEN, W.; MINER, J.J.; LENSCHOW, D.J.; MERITS, A.; SCHNETTLER, E.; KOHL, A.; RUDD P.A.; TAYLOR, A.; HERRERO, L.J.; ZAID, A.; NG, L.F.P. MAHALINGAM, S.; **Vírus chikungunya: uma atualização sobre a biologia e patogênese desse patógeno emergente.** Rev. Nature. Vol. 17. N.4. P. 107-117, 2017.

SUHRBIER, A.; JAFFAR-BANDJEE M.C.; GASQUE, P. **Arthritogenic alphaviruses-an overview**. Nat Rev. Rheumatol., p.420-429,2012.